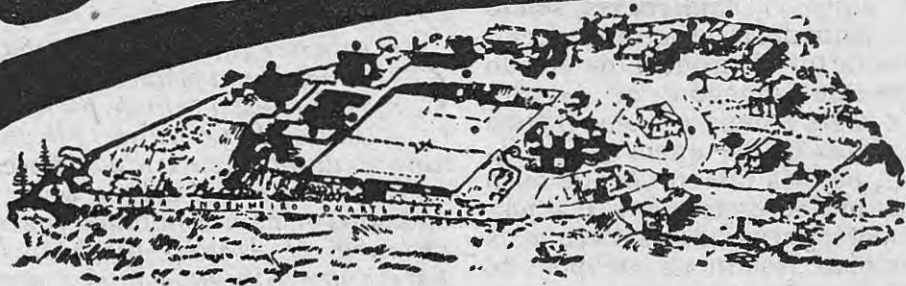




# Gaiato



Visado pela  
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANOVII—N.º164  
PREÇO 1500

## O TORNO

**U**M destes dias, recebi duas cartas do Porto, do mesmo punho, ambas sem assinatura.

Uma dizia assim:

Como sou leigo na matéria venho rogar o favor de no «Famoso» indicar as características que deve ter o torno que há tanto tempo deseja e que deve fazer-se já sentir a sua falta.

A outra, completava. Ei-la:

Reportando-me à minha carta de ontem e para evitar perda de tempo venho rogar-lhe o favor de mandar comprar o torno que mais convenha para o fim que tem em vista indicando no «Famoso» e só com esta referencia «O torno custou X» e a sua importancia aí irá ter em seguida.

**Primeiro ponto. Confiança.** A grande pedra de toque das relações de homem para homem. Nível da verdadeira civilização. Confiança! Este Senhor confiou em mim; eu pudera ter exorbitado e comprar o maior e o melhor. A casa Cassels, também confiou; eu disse do que se tratava e o Gerente toma tudo por verdadeiro. Ele mesmo dá as indicações, surge a peça que mais convem e despacha. Confiança é a base.

**Segundo ponto. O valor do dinheiro reside na sua função social.** Exemplo: O Banco Espírito Santo é um colosso do mundo financeiro. Quantas e quam grandes somas de dinheiro não passam diáriamente pelas mãos dos seus empregados, quantas! Ninguém faz caso. Conta-se a massa, guarda-se nos cofres, credita-se nos livros e que venha outro freguez. E' a banalidade. Mas entra um Senhor desconhecido com uma modesta quantia de 32 contos, que manda creditar na conta da Casa do Gaiato, e causa um incêndio... nas almas. Há um frémito do primeiro ao último andar. Eu estava na quinta, a ver o Sérgio lançar semente nas terras lavradas, quando chega o Malaia a dizer que o Banco Espírito Santo estava no telefone. Não era o Banco; era o Gerente. Ele fervia. Sentia-se o cachão a distancia. Ele quis dar a notícia. Como são belas as riquezas do mundo, quando postas ao serviço do Bem Comum!

**Terceiro ponto. O reflexo social.** Não é um torno. E' um rapaz que deseja dedicar-se à arte de torneiro mecânico; e não um qualquer, mas um que andava tresmalhado. Um dos do rebanho, que se perdera e agora quer regressar. Os deles que sempre trabalham e nunca saíram do torno, esses têm o seu merecimento, sim; mas este andava por lá. Andava perdido e agora vem!

**Quarto ponto. Meditemos todos mui seriamente neste quarto ponto, aonde se trata de chamar a atenção dos 40 ou 50 mil leitores, para as alturas do Evangelho.** Que todos fixem os seus olhares na realidade da Doutrina de Jesus, e acreditem. Um grão de mostarda pode fazer deslocar montanhas, se fôr feito daquele acreditar. Tornos, tipografias, bairro de casas; o impossível é possível; basta acreditar.

E por derradeiro, uma palavrinha. À mesa, comuniquei aos grandes a notícia do Banco. Todos ouviram e comentaram. Avelino, que come à minha beira, escuta, olha em redor e exclama: **Este senhor é muito feliz.** Foi o Avelino quem disse mais e melhor.

P. S. O autor das cartas, diz em uma delas, **peço que nenhuma alusão seja feita a este caso.**

As pedras das ruas fariam, se eu me calasse. Por amor do Evangelho, tenho de falar.

## UMA CARTA

**E**IS a carta de um Estudioso que *nao quer fazer dinheiro*. Aqui é que está. Esta é a nota específica da grandeza do espirito. Os homens conhecem-se por ela; por aquela nota. A mediocridade, *quer fazer*. Faz tudo por dinheiro e sem ele não faz nada. Eu sigo à letra; sigo à risca a sugestão do desconhecido Estudioso. Um homem que repudia as ocasiões de fazer dinheiro, está naturalmente apto a dar bons conselhos.

*Está aberta a praça. Venha o primeiro lanço. Quem oferece?*

O livro encontra-se nas mãos da Menina Ema, Espelho da Moda à rua dos Clérigos.

Encontrei estes Lusíadas perdidos nas prateleiras poeirentas dum alfarrabista numa pequena cidade do sul da França quando procurava livros que interessavam à minha especialidade. Entendi que não devia, na minha qualidade de português, deixá-lo ali e paguei por ele os francos que me pediram. De volta a Lisboa, indago do valor bibliográfico do livro e verifico que embora se trate duma m tradução, isso não impede que se trate duma peça bibliográfica rara que falta em muitas camoneanas portuguesas. Pensei primeiro em «fazer dinheiro» com ela (uma vez que não sou um bibliófilo camoneanista) mas depois lembrei-me que ela poderia contribuir para a «sua obra» e em especial para a precissão da Tipografia do seu Gaiato e dos seus gaiatos. Sem pretender pôr condições, mas somente como uma sugestão, lembrei-me que estes Lusíadas

poderiam por seu intermédio ir para as prateleiras dalgum camoneanista, fazendo bem pelo caminho. Como? Inserir no Gaiato «num ou mais números» uma zincogravura reproduzindo em tamanho conveniente o «rosto» do livro. Abrir no jornal um leilão, entregando o livro pela maior oferta recebida, por exemplo, até ao Natal deste ano. Pessoas conhecedoras disseram-me que se trata duma peça bibliográfica valiosa; não me quiseram dizer o preço mas falam-me em contos. Pois sinceramente desejo que ela, indo dar satisfação ao bibliófilo, possa de caminho render o mais possível para os rapazes. Vamos assistir a este desafio!

Vamos pôr em brios os camoneanistas! Este «acaso» de um português ter encontrado uns raros Lusíadas perdidos numa pequena cidade francesa tem de pagar-se caro...

### LA LUSIADÉ DE CAMOËNS.

TRADUCTION POËTIQUE,

AVEC

DES NOTES HISTORIQUES ET  
CRITIQUES, NÉCESSAIRES  
POUR L'INTELLIGENCE DU  
POËME.

PAR

MR. DE LA HARPE.



LONDRES.

M. DCC. LXXVI

# VISITANTES

**O**NTEM foi domingo. Contamos aqui 38 camionetas, sendo vinte delas de Avintes. Lembrou-me de ter visto outras de Vila do Conde e de Lamego e de Gondomar e mais e mais e mais. O povo de Avintes foi de quem eu mais gostei, por via dos cordões de ouro que as mulheres traziam. É a joia mais portuguesa que existe, a mais tradicional. Nos meus tempos de rapaz, moça que se casasse sem botar o seu cordão, ninguém dizia bem dela. Consolei-me de ver naquele dia o povo de Avintes. Eram 20 camionetas. A caixa das alminhas e a caixa da capela encheram-se; e também se encheram três camas de três doentes que temos no hospital. É o povo. O povo que sabe rir, o povo que sabe chorar. O povo que sempre está em casa quando alguém lhe bate à porta e manda entrar. Também vieram dois grupos disputar a bola; ambos empataram. Um deles era o grupo da Mundial. Com eles vinham também os directores da Companhia com suas esposas, tendo deixado ficar uma carapuçada de notas. Todos concorreram para esta soma. Gosto muito de ver aqui patrões e empregados em visitas familiares. Aproximar sim. Afastar não. A política da aproximação é irmã da do Padre Nosso.

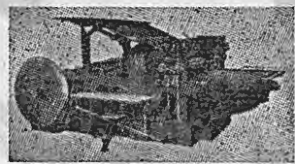
A peregrinação de Fajozes, trazia o seu paroco à frente; e explicou-se muito bem, em nome do seu povo. Marcou presença. A peregrinação de Lamego, era presidida por um Frade menor. A de Gaia, trazia consigo três sacerdotes seculares. Também cá tínhamos na maré um monge Beneditino. Todos levam na alma alguma coisa a mais e a prova é que muitos que vieram, já cá tinham estado. Ora é certo que não voltaríamos se não tivessem recebido da primeira vez.

Quanto a dinheirinho, não temos razões de queixa; cada um dá o que quer, se quer, e mais nada. Não se cobram bilhetes. A entrada é livre. Nós somos a porta aberta.

Há um senhor visitante que vem cá vezes a miúdo, e não se fica em pouco; é sempre às carapuçadas! Até aqui, nada de extraordinário, mas o que comove a gente, é a maneira como ele dá; como ele compreende as coisas. Depois de fazer entrega do rolo de notas, aquele visitante dá também um *muito obrigado por me dar esta oportunidade!* Eis aqui um homem feliz a quem Deus necessariamente ajuda, quer ele queira quer não.

Os serviços de cicerones, acabam de ser remodelados e agora satisfaz plenamente os senhores visitantes. Até aqui não; eles fugiam para o campo da bola; era preciso berrar e tornar a berrar, quando os carros chegavam. Agora fia mais fino; mesmo muito fino. E assim: De véspera nomeiam-se os cicerones e um chefe. Vem o domingo. Depois da missa e do café, cicerones e chefe plantam-se à roda do nosso cruzeiro. Mal chega uma família, lá vai um. Chega outra, lá vai outro. Mais uma, mais um. E assim sucessivamente, até o dia terminar que é também quando terminam as visitas.

Alguns são mais impacientes e tentam fugas, mas o chefe está. O terrível chefe está! Ele é que tem a saca, e os cicerones fazem-



# A NOSSA TIPOGRAFIA

*Esta a segunda vez que aparece aqui uma pequenina gravura do nosso grande prelo do Júlio. Foi o Júlio. Ele anda um bocadinho impacientado; é preciso dar vida a esta coluna a ver se andamos ou não. E mandou fazer a gravura. O Avelino também lhe parece que isto anda muito devagar e quer que eu faça barulho: faça barulho no jornal. O Avelino! Ele não faz mal a uma mosca, nunca se ouviu a discutir com ninguém. Anda sempre muito devagar, diz a tudo e a todos que sim; e agora diz que não! Também ele quer implicar; faça barulho. O Alfredo vai mais longe; esse vai às do cabo e quer que eu dê catanada; dê catanada. Ora é preciso compreender a índole dos rapazes. Eles não podem ter a paciência que nós temos. Eles querem correr. A marcha das procissões aborrece-os naturalmente. Deixemo-los, pois, de fora e prosigamos. Vai Uma de Coimbra a valer por cinco. Logo a seguir dois bebés. Vai a escola de Alandroal com 111\$50. E outra dos arredores do Porto com 80 escudos. Vão também as Jacistas de Fajozes a valer por um. Vai também uma Jocista de Peniche. E meia razão do Porto. Vai uma de Castelo Branco com vinte escudos. E também via um bebé da mesma terra. E vão duas pessoas de boa vontade de Lourenço Marques, ambas na marca. Também vai o bebé n.º 3*

*do Porto. E meia doze do assinante 14579. E outra meia do Porto. E a segunda prestação de Vila do Conde entra agora uma de Luanda com 110 angolares. Imediatamente a seguir vai uma do Porto com 100 escudos, produto integral do meu aumento de ordenado. Ao pé destas duas vai um que se assina: Um rapaz pobre; ora olhem bem para o que ele diz.*

Que doutrina. Que pequenino jornal e de que maneira ele me enche a alma. Se saísse todos os dias, a miséria depressa acabaria em Portugal. E não obriga ninguém a dar. Mas que mistério o envolverá que além de dar o pouquinho que aí vai para a procissão, ainda fico agradecido por ficar aliviado! Um rapaz pobre.

*Aqui não há opas. A procissão é composta de heróis e de heróinas. De Lisboa vão Duas Irmãs que de novo enfileiram com 140 escudos. Quantos fieis não seguem nestas condições—quantos? Repetem-se. Aumentam. É a devoção feita de dor por verem e sentirem. Quando fazemos nossa uma qualquer obra, participamos naturalmente das suas boas e más horas. Eis porque muitos e muitos e muitos de novo enfileiram, ao lado das Duas Irmãs de Lisboa.*

*Apurando as ofertas da quinzena, ficamos na cifra de:*

**160.500\$00**

## NOTA DA QUINZENA

**O**NTEM, sábado, fui ao Porto aviar uns recados e entrei casualmente no nosso Lar, à rua D. João IV, como toda a gente sabe. Era de tarde. Estavam na sala de jogos o Bartolo de Leiria, o Júlio II do Porto, o Carlos de Miranda, do Porto, o Daniel de Paços de Brandão e o Chico de Casaldelo. Todos estes rapazes fazem semana inglesa. Notei que um deles se estava preparando como quem vai sair e que os outros estavam preparados para o mesmo e todos muito contentes. Não perguntei, mas pelo andar das coisas, vim a saber do que se tratava; o chefe acabara de telefonar do seu emprego, dizendo que os rapazes de semana inglesa podiam sair de tarde. E eles iam sair. Deixei-me ficar por uns minutos na sala de jogos, a saborear. Vi-os dar os ultimos retoques ao espelho do bengaleiro e segui-os com a vista até dobrarem a primeira esquina.

O chefe tinha almoçado com eles e nada lhes dissera na ocasião; também eles nada lhe pediram. O emprego do chefe é na rua do Breyner, muito distante do nosso Lar. Entre estes da semana inglesa, um foi nomeado conselheiro do chefe; poderia, talvez, deliberar e sair com todos, sem licença superior. E porque não? É sábado. Não há trabalho. A rua é fora da porta e vai cheia de gente. Tanta coisa que

ver e ouvir! Eles são rapazes. Eles foram das ruas. Tudo ali os interessa; porque não? Pois não saíram, Nenhum d'eles o fez. Sem ordens do chefe não saíram. O chefe deles prendeu-os em casa; prendeu cada um deles; prendeu-os a distancia.

A nossa Obra, oferece muitas e grandes deficiências. Os casos desta natureza são de todos os dias. Estes casos são meus. São totalmente meus. São degraus. Os degraus silenciosos e dolorosos por onde se sobe às culminancias. Não há outro caminho nem outra maneira de subir... Que ninguém se engane!

Mas também temos agora e logo boas notícias para dar. Esta que se dá, é uma boa notícia. São os teus degraus. Para que tu possas saborear estes, tenho eu de amar-gar outros que se não publicam. Eis.

Posto isto, vamos à doutrina. O Gaiato é compendio. Quem quizer, mais tarde, procurar saber quais os moldes da Obra, venha beber aqui. Não há outra fonte. Neste compendio se verifica o rendimento social da educação do Rapaz pelo Rapaz. Elevar o Rapaz pelo Rapaz. O rapaz-chefe é um igual; ele não imprime nem oprime. Comunica-se por simpatia. O educando, dá-se inteiramente. Não discute. Aceita por amor. Se não quer retira-se. Elimina-se, sim, mas deixa ficar integralmente as probabilidades da Obra, mai-la riqueza dos seus moldes familiares.

# O QUE NOS DÃO NO TOTAL

**E**M primeiro lugar, uma palavra de gratidão a cada um dos que vêm ao nosso encontro para nos ajudar.

Dia a dia vamos anotando tudo quanto nos enviam, e quanto sai para as mãos dos nossos credores. E, se há colunas inteiras em que se não regista nenhuma entrada, não há dia nenhum que não registre a saída de 1.500 escudos, pelo menos. A quem havemos de recorrer senão à cidade de Lisboa?

Ela é a mãe. Mau coração teria se ignorasse a existência destes seus filhos ou se esquivasse ao alimento que lhes deve.

Miranda e Coimbra recorrem constantemente ao Porto; Lisboa perderia os seus títulos de rainha, se precisasse também de mendigar.

Mas é preciso lembrar-lhe a sua nobreza com frequência. Coube agora a vez à freguesia de Arroios. É a maior de Lisboa. Nela as grandes Avenidas (Almirante Reis e C.ª) as alamedas, as novas portas de Lisboa a ultima novidade em prédios e... em barracas. Os extremos tocam-se.

Na Igreja pequenina, pobres, muitos pobres! São eles que rezam, que choram e que dão. Assim o diz, uma infinidade de pequenas moedas, que por serem muitas, chegaram a fazer a bonita soma de treze contos. Mas também havia Senhores nobres, generosos e amigos!

Falta agora bater às portas da Estrela, dos Anjos e de S. Sebastião da Pedreira. Não desanimem, meus Senhores! Sim, que também por lá vemos avenidas, palácios, choupanas e fome.

Foi precisamente ao cimo da avenida da Liberdade, naquela noite em que me propuz conhecer a cidade à luz fluorescente, que o chofer me apontou uma menor de 12 ou 13 anos que, ainda àquela hora, (duas da manhã) esperava quem lhe desse... pão.

Mas há quem não espere que vamos às igrejas; fora delas também se encontra gente boa. Aqui, no Montepio, ou por intermédio de pessoas amigas, muitos mais se têm desobrigado.

A Fabrilaca mandou 20\$; o Grémio dos Seguradores 500\$; Alguém por intermédio do Senhor Cardeal, 500\$; Produtos Lacteos, 312\$; 500\$ de alguém que não quer regressar a Angola sem se desobrigar duma promessa, e mais 100\$ para repartir pelos pobres da nossa conferência. 100\$ dum peregrino antes de embarcar para Roma. Já antes enviara o dobro. Era para deixar no S. Jorge, mas resolveu mandar directamente e foi quanto nós ganhámos.

50\$ de percentagem da gratificação. Mais pneus, bolas, camisolas, fatos, lapis e canetas, papel velho. A continuar assim, teremos matéria prima mais do que suficiente para montar uma fábrica.

Um enxame de abelhas; garnizés e coelhos da Índia cuidadosamente criados e entregues por uma criança de tenra idade, do Ribatejo.

Mais 525\$ duma promessa para a nossa Tipografia. 810\$ do Seixal, por ocasião da passagem do Documentário e 390\$ de visitantes da mesma terra. 400\$ de alguns Alunos e Professores do Liceu Pedro Nunes e uma quantidade incalculável de roupas, calçado, livros e brinquedos dos mesmos. Mais 160\$ doutra excursão e várias notas de cem, de cinquenta, de vinte, uma de quinhentos e muitas moedas dadas pelos visitantes; 10\$ por alma do marido,

## CRÓNICA DO LAR DO PORTO

DE

CARLOS VELOSO

**A**OS sete de Maio de mil novecentos e cinquenta, reuniu-se a conferência de S. Bento José Labre da Casa do Gaiato das Ruas do Porto, com a assistência dos seus confrades e assistente auxiliar.

Após as orações habituais pelo nosso Presidente foi lido um trecho do livro Juventude Radio-sa.

A seguir foi informado o estado dos nossos pobres.

O pobre do Carlos Veloso encontra-se doente do coração o qual pediu se lhe davamos uma caixa de injeções de cálcio.

A pobre do Adriano encontra-se na mesma, doente, sem vias de melhorar, chorando que não quer ir para nenhum asilo, preferindo morrer junto de seu marido.

O pobre do Licínio também se encontra doente e que lhe dão uns ataques por falta de ar.

O Cete informa que os filhos do seu pobre já estão bons da doença que tiveram.

Distribuimos aos nossos pobres 10\$00 por semana num total de 60\$00.

A sessão foi encerrada pelo nosso Presidente com as orações habituais.

Recebemos do O Grupo «Os Carlos» um donativo de 50\$00 para os nossos pobres o que muito agradecemos.

Também pedimos aos nossos estimados leitores o favor de mandarem roupas usadas ou dinheiro para os nossos pobres o que muito agradecemos.

*três alianças em Arroios e um anel aqui em casa, tudo fruto de muito sacrifício e dedicação pelos abandonados. Mais dois saquinhos de açúcar que são as delícias dos nossos pobres! « Quem os quiser ver contentes, dizem os Rapazes da Conferência, é levar-lhes açúcar. Sem ele o resto da esmola pouco vale.»*

Vamos instalar mais dez vadios numa nova camarata. Precisamos de lençois, toalhas e colchas.

Mais 200\$ dum ilustre visitante e 300\$ duma modesta Senhora que quase passou despercebida. Dois bibes novos duma costureira de Atouguia; 24 lenços de mão, o que é uma rara preciosidade; 20\$ mais para a Conferência; uma lindíssima imagem do Coração de Jesus. Veio dum Escritório de Lisboa. Quem a entregou despediu-se dela com um beijo e duas lágrimas, como se fosse a separação dum grande amigo.

Tem razão: não há maior amigo! Estava tão bem ali, no Escritório que até tive pena de a trazer... Jamais haverá paz social enquanto O não virmos nos escritórios, nas oficinas, nas fábricas e nos corações.

Mais 50\$ para os Pobres dos tugúrios.

Era para estes o segundo lugar que eu reservava nesta crónica, mas depois de pensar, vi que o assunto era sério e melindroso. Trata-se nada menos do que dar rumo a 10 000 barracas que se construíram clandestinamente (assim dizem os jornais) em Lisboa.

Há dois anos que ando aqui a malhar no problema. Caberá aos actuais Veriadores da Câmara a glória de o resolver?

## ASSINANTES

**M**UITOS destes chamam-se a si mesmos sócios da Obra, e em vez de assinatura dizem *ai vai a minha cota*. Seja uma coisa ou outra, o certo é que, com raríssimas excepções, ninguém fica a dever. O postal diz muito ao caso. O postalzinho tem prestado revelantes serviços. Cobrança não. Nós não fazemos cobrança. Não temos organização. É o postal. É o postalzinho.

Alguns assinantes vão muito acima da regra dos trinta escudos. A bem dizer são muito raros os que se contentam com esta quantia. Nós não pedimos nada a ninguém. Aceitamos.

Ontem um senhor que vive no Rio de Janeiro, entregou no Lar do Porto cinco notas de mil cruzeiros e foi-se embora. Ele mora no bairro de S. Cristóvão e deixou dito que nunca lhe faltassem com o *Famoso*, que ele faria na mesma com os cruzeiros. Cinco mil deles! Tomei as cinco notas e fui a um cambista com elas. Dado que portugueses e brasileiros se tratam por tu, era naturalmente de esperar que o cambista me desse cinco por cinco.

Era mas não foi; deu-me quatro. Quatro notas das nossas por cinco das d'eles. É papell!

Vamos dar aqui um aviso ós senhores assinantes. É um livro. Nós vamos fazer um livro que se chama **Isto é a Casa do Gaia-**

**to**. Abre-se e dentro traz selecções. Está actualmente um senhor do Porto ocupado na escolha dos episódios de maior formosura, de entre os que encham a 4.<sup>a</sup> página do jornal. São coisas lindas e reliquias, que de novo tornas a ler e a saborear.

O Júlio é quem mais me seringa. Ele quer dar que fazer à Plana, e quer ver o Jacinto a meter papel e o Zé da Lenha ao pé, a mirar.

Se eu tivesse meios de saber quem são, entre todos, os verdadeiros apaixonados, havia de mandar a cada, um seu livro. Mas eu não sei. As coisas da alma, só a alma as sabe. Por isso mesmo, espero que eles gritem; que os apaixonados digam da sua paixão e o livrinho lá vai ter. Também é apaixonado o Sr. que está fazendo a escolha. Se vivesse em Coimbra, teria o nome de Lente. Como é do Porto, chama-se somente Professor. Mas ensina as mesmas coisas, só não tem borla.

Preço? É o Júlio. Ele não quer que eu ponha a mão nestas coisas. *A si todos o enganam*, foi o que ele me disse. E não anda longe da verdade. Ele tem razão. Quando foi das edições do **Pão dos Pobres**, todos comeram, menos eu! Eu acho que foi sempre assim. Os homens que escrevem por amor esquecem-se de tudo.



## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

**M**AIS roupas de Lisboa. Mais de Coimbra calçado. Mais duzentos escudos do Brasil entregues pelo senhor Juiz Vieira de Castro. Mais cinquenta de um Valbonense por intenção dum seu tio ausente. Mais 126 escudos do assinante 1676. Mais 500 escudos do Barredo. Mais 50\$00 de Sobral de Cima. Mais do Porto 177\$20 produto da venda de papeis inúteis. Mais roupas de algures. Mais 50 escudos da Covilha. Outra vez a Maria Helena com açúcar de Lourenço Marques; os dez quilos do estilo. Desta, não pagamos os 34 milreiros da conta. Não pagamos, porque um funcionário da alfândega dos correios o fez por nós. Tirou-o à boca. Já assim fazíamos, mas agora aumenta a nossa devo-

*ção em dar d'este açúcar aos doentes pobres. Diante de lições d'estas, é absolutamente culpado quem não quiser aprender. Assim se dá glória a Deus. É só por Ele e por mais ninguém, que estas coisas se fazem: um dar do que precisa para si! Os funcionários dos correios! Mais um fato deixado na casa do Porto. Eles ali são perto de trinta e todos me pedem fatos quando eu apareço. Mais roupas pequenas deixadas no depósito. Mais de uma firma de S. João da Madeira uma data de cintos e de atacadores. Mais um fato e roupa a dizer que tudo pode ser usado sem receio. Gosto muito destes avisos; eles são a marca da devoção. Eu tomo à conta do extremo cuidado de quem oferece roupas em segunda mão, a boa saúde que gozam estes rapazes que a vestem.*

## CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR  
ALFREDO MARTINS

**T**ÊM constituido verdadeiros recordes as excursões que nos visitam. No domingo então é que foi o maior recorde. Foram perto, se até não passaram, de cinquenta camionetas. Só trinta e oito contaram-se todas juntas, fora as que tinham vindo antes. Desde que existe a nossa casa parece-me que nunca vieram cá tantas como no dia 21!

**D**O que eu vou dar noticias já está concluido. Eu na ocasião quisera dar a noticia, mas a falta de espaço no nosso Jornal não o permitiu. Por isso, desculpem os nossos leitores pelo atraso. Do que eu vou falar é do nosso poço. Tem uns sete metros de profundidade. Teve de se comprar um motor para ajudar a tirar a água para o nosso depósito.

Em boa hora foi feito este poço, porque nós no verão, andamos sempre em dificuldades, visto

## NOTÍCIAS DE MIRANDA

DE

JOSÉ MARIA SARAIVA

**1** Mais uma vez venho a falar nos selos. O Fala-Barato mais uma vez recebeu uma carta do estrangeiro, desta vez foi do Brasil. Aquele admirável benfeitor e leitor do Famoso dizia o seguinte: Aí vão alguns selos para a sua colecção. Remete um leitor assíduo de «O Gaiato» residente no Rio de Janeiro e grande admirador da notável Obra do Sr. Padre Américo a quem teve a honra de apertar a mão e falar na Casa Granado, quando aqui esteve ultimamente em companhia do Zé Eduardo. O Fala-Barato espera por mais. Manda agradecer a todos os Senhores e Senhoras pela lembrança que tiveram.

**2** Há dias vieram cá uns Senhores que nos deixaram 300\$00 para a obra. Depois vieram outros senhores visitar a nossa casa e deixaram-nos também 50\$00. Esses senhores que nos deixaram os cinquenta escudos eram de Évora e prometeram nos pneus, selos, e uma bola para mim e para o Fala-Barato. Os outros disseram ao Fala-Barato quando fosse algum Gaiato a Coimbra vender o Famoso para ir comer a casa deles. A direcção é esta: Rua Infante D. Henrique 20, Coimbra. Vamos a ver se esses senhores não se esquecem de nós.

**3** A nossa sapataria está a precisar muito de pneus e de sola. É daqui de Miranda que vão sapatos para Coimbra para os que lá estão empregados e também para os outros. O nosso sapateiro que é o Ti Zé faz muitos sapatos de pneu e de calfe. Há dias quando cá veio o Sr. Padre Adriano trouxe-nos alguns pneus mas já se gastaram todos. Não se esqueçam disto por favor.

a água neste período de tempo, ser muito pouca. Este ano não sucederá como nos outros atrás, porque temos um poço capaz de dar pelo menos o suficiente para os nossos campos e para os gastos das casas.

Mas para isso deu ele muito trabalho e custou muito dinheiro.



**N**ASCERAM [mais dez porquinhos.

A maior reprodução de animais que temos cá em casa são dos porcos.

Raro é o número do nosso Jornal, que não traga esta noticia.

Temos outras criações de animais que se multiplicam bastante, mas a principal é a raça porcina. Os dez porquinhos a que acima me refiro são muito gordos, e muito bonitos.

**O**S estabulos no que diz respeito a pedreiros está acabado.

Pelo que está vê-se que vai ficar uma obra bonita. Depois o sítio aonde foi construido também é bonito. É a entrada da nossa avenida. Os pedreiros começaram a construir os estabulos em Setembro do ano findo e hoje já se encontra pronto. Agora o que falta é o que diz respeito aos carpinteiros e aos trolhas.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

**O** MARTINS enfermeiro (antigo Moléstia) acaba de sair de ao pé de mim, aonde viera fazer uma comunicação alvoraçada. Foi o Norberto. Norberto acabava de aparecer no hospital com uma coisa que ele, Martins, reputava muito grave. Ele tinha medo d'aquilo. Ele queria ir chamar o Médico. Ele queria dar remédio urgente. É uma grande infecção. Começou na ponta do dedo e já vai no cotovelo. Eu estranhei. O Martins costuma ser calmo e nada assustado. Ele é o das creadelas. É mestre em creadelas. Aonde ir buscar a razão do sobressalto de agora— aonde? É que desta vez era uma ferredela, e a isto não está ele afeito. Foi uma grande ferradela do Machado, explica.

**S**o hoje é que eu tive ocasião de ver a popularidade de que goza o Botas na nossa aldeia. Já sabia que era muita, mas tanta não. Foi o caso de uma missa. Como toda a gente sabe, nas nossas comunidades, a missa dominical é de obrigação e a semanal é devoção; vai quem quer. Ora naquele dia, estando eu a preparar-me na sacristia, entra Botas pela porta dentro com seu fato domingueiro, e atrás dele, da mesma sorte, uma grande malta de rapazes. Estranhei. Não é costume. Quis saber e soube. Era o dia de

aniversário da morte do pai do rapaz. De véspera, tinha ele ido à presença dos seus amigos, participando-lhes e pedindo a comparencia ao acto religioso. Anuíram. Foram carpinteiros e tipógrafos e tecelões e sapateiros e alfaiates e camponeses e ferreiros e das casas e do refeitório e o Moléstia que agora passa a chamar-se o Martins. Grande popularidade! De alguma coisa lhe tem servido ter sido sempre ajudante e agora aspirante a cozinheiro. O lume do fogão com panelas em cima, faz amigos...

A mãe do Botas anda por lá... Que ninguém lhe atire pedras. Se esta notícia lhe for ter às mãos, que ela medite. Que veja o que deixou. Que torne a meditar e há-de seguramente sentir quanto não perdeu com a trocal!

**U**VIA-SE ontem acesa discussão no escritório do Júlio e eu fui ver o que era. Era o Norberto e o Fernando Marques. Aproveito a ocasião para comunicar que o Fernando Marques (antigo Piólho) foi transferido do Porto para Paço de Sousa e presta serviço nos escritórios da tipografia; na qualidade de ajudante. Dito isto vamos ao caso. Norberto tinha ido pedir um bocado de papelão ó Fernando para fazer com

ele uma caixota. Norberto não quer saber nem compreende que estas coisas custam dinheiro. Ele tem os seus grilos e precisa naturalmente de uma caixa para eles; nada mais o interessa. Foi pedir papelão. Mas o Fernando não pensa assim. Fernando Marques, que já mudou a fala, pensa doutra maneira e disse-lhe que não. Que se fosse embora. Era esta a discussão.

Já antes tinha havido coisa idêntica com um novelo de fio, no escritório do Avelino. Foi uma estrela. O Chinês fez uma estrela com tanto equilíbrio, que ela subia às estrelas. Era aqui o espanto de todos. O Chinês dava-lhe fio, prendia-a a uma árvore e deixava-a por horas à mercê do vento. Andava tudo com os olhos na estrela do Chinês. Outros rapazes, tentados pela estrela do Rogério, foram ao pé do Avelino, ver se este lhes dava fio, mas ele resistiu. Houve barulho, como no caso do papelão, mas Avelino resistiu. Também ele já mudou de fala. Sabe que o fio custa dinheiro. Gosto de dar ao público estas notícias para que de longe possam apreciar e seguir as naturais evoluções; e que uma casa governada por rapazes, não se pode chamar de maneira nenhuma uma coisa sem governo.

**M**AS a estrela do Rogério era uma tentação. Até eu gostava

de a ver nas alturas. Outros queriam estrelas, mas não tinham fio nem nada que o substituísse. Foram ter com o antigo Moléstia, que agora se chama o Martins. Este rapaz é quase supremo aqui na aldeia; ele dá injeções: É o enfermeiro. Cura as feridas. Marca as horas. Toca a sineta pró médico, quando ele chega. Martins é uma figura. Os desejosos de estrelas foram ter com ele. O rapaz tinha um novelo de aparas, que de bom grado cedeu. Fizeram uma estrela, sim, mas não chegava aos calcanhares da do Rogério. Ora acontece que por estas alturas, teve lugar a Queima das Fitas no Porto, mai-lo nosso peditório. Os apaixonados tiveram a rara habilidade de pedir novelos de fio aos estudantes, e no dia seguinte ou pouco tempo depois, tive eu ocasião de ver sete estrelas de uma vez! Mas nenhuma como a do Rogério. Ele também é estrela. Ele vai todos os dias de manhã levar à sua pobre uma garrafa de leite. Ele não se cansa. Ele não se queixa. Ele toma nota do que falta, e no dia seguinte, leva dentro de uma saca à sua pobre. O Rogério ama. O Rogério é estrela. Tem mãe e não tem pai... A maior desgraça deste homem, seja ele quem for e esteja aonde estiver; o maior castigo deste homem, digo, é viver sem amar o seu filho!

## NOTÍCIAS DE LISBOA

□ POR PEDRO JOÃO □

**PARA MELHOR**—Como já aqui há tempos disse, a gente desta terra e dos arredores, há muitos anos que não ouviam falar de religião, não sabiam o Padre Nosso, nem nada. Está muita gente por baptizar e casar. Aqui há dias até vieram pedir ao Sr. Padre Adriano para ele levar no automóvel da casa uns noivos que iam casar-se ao Civil nem vieram à igreja.

Eles têm desculpa, porque lhes queimaram os Santos das igrejas e expulsaram os padres todos.

As igrejas do Concelho já estão todas reconstruídas, menos a nossa que está ainda a ser casa de pombos e ratos! Há também aqui perto uma capela que é um curral dum burro.

Desde que viemos já se restaurou o cruzeiro que tinha sido construído em 1.530 e deitado abaixo em 1.915, por uns sujeitos de alta categoria, mas, como costuma-se dizer «não viam um boi numa reta»

Pusemos também agora a cruz na torre que tinha caído pelo ciclone. Quanto a casamentos e baptizados isto vai indo. Ainda há dias um dos nossos pedreiros se baptizou ele sua mulher e casaram-se no mesmo dia em que baptizaram também uma filha. Um servente de pedreiro fez a mesma coisa, e já há outros que me prometeram o mesmo.

O nosso mestre sapateiro também não está baptizado nem casado, mas também já me prometeu que quando tivesse a vida mais equilibrada de finanças, se havia de baptizar e casar pela igreja. Um

dia estava eu a falar com ele na sapataria, para que baptizasse a filha e ele disse que sim, e escolheu a quinta-feira da Espiga. No dia marcado logo pela manhã cá estava ele com a pequerrucha para baptizar como ele dizia. Fui eu o padrinho, e madrinha a Menina Maria José Barreto, que sem querer ficou sendo minha comadre.

Hoje fez-se uma procissão das velas que correu muito animada, eram mais de 1.000 pessoas. O que está a fazer muita falta é a igreja. Ela é a Casa de Deus.

**OBRAS**—Novamente por meio do famoso explicamos onde se gasta o dinheiro que recebemos; para que não julgue ninguém que o gastamos mal gasto.

O 1.º andar do Palácio fica esta semana concluído. Já se arranjou a ultima sala. Falta agora o pátio da escadaria hall do rés do chão. Os trabalhos foram avaliados pelos Snrs. Engenheiros dos Monumentos Nacionais em 650 contos. Para isso o Snr. Ministro das Obras Publicas deu agora 100 contos.

As obras foram avaliadas pelos mesmos Snrs. Engenheiros em 1.910 contos.

A fêria dos operários cada semana ultrapassa 4 contos, e ainda bem que não pagamos o seguro deles! É um Senhor da Tranquilidade que se encarrega de pagar tudo! Ele é lá dos Grandes da Companhia, é um nosso amigo.

Nestes 4 primeiros meses de 1950 gastamos 192.420\$00

Eis aqui o Luís de Carvalho, o Presidente, que viu a luz aos 5 dias de Julho de 1937, na freguesia de Refojos, concelho de Cabeceiras de Basto distrito de Braga. É filho repudiado, mas a Cruz tomou conta. Ele está ao pé da Cruz. Vê-se ali a era de Cristo—Anno Domini. A de Cesar acabou. Cesar já não é. Os Cesares morreram, quase sempre como viveram.

O Presidente tem vindo mais vezes no jornal. Não admira. Ele é dos nossos ilustres

Presidente chegou hoje da venda e como de costume, vem-me dar contas e trocar impressões. Começa por informar que a venda está enfraquecendo e logo vai buscar a sua razão: os senhores estão a poupar para irem prás praias. Vem lá o tempo d'elas. Presidente afirma. Não parece uma criança a falar. Ele tem um forte poder de dedução: praias, gastos forçados, economias prévias. Eles estão a poupar.

Eu conservava-me em atitude de quem escuta. Realmente, falando-se com est. rapaz, esta é a única atitude—escutar; ouvir o que ele diz. Presidente continua, agora com um sorriso e olhar de finório: Pouco adiantam; a gente vai lá e açoit-os no mesmo. O perigo! Um rapaz—perigosol Quem quizer que se defenda.



**CASA ÀS ORDENS**—Continuam a vir mais alunos de Liceus de Lisboa. Ultimamente vieram muitos do Liceu Pedro Nunes. Trouxeram-nos muitas roupas e dinheiro. Jogamos com eles um desafio mas desta vez apanhamos nós a rolha.

**UMA CONSOLADELA**—Escrevi para o Snr. Conservador do Registo Civil da minha terra «Figueira da Foz» a pedir a fineza de me enviar uma certidão para bilhete de Identidade. Eu precisava dela para por na Caixa de Previdência uns pataquitos que já ganhei, e também para tirar a carta de chofor para guiar uma forgonete quando no-la derem, para ir buscar coisas cá para a casa. O Snr. Conservador

enviou-me logo a certidão e esta Carta:

**Querido Amiguinho:**

Vim transferido de Pombal para aqui, mas a meu pedido. Já lá como aqui, continuarei às vossas ordens. Considero um favor de Deus o poder ser-vos útil. Devolvo os teus selos e envio a certidão pedida com a brevidade desejada. Que Nosso Senhor te ampare e ampare a vossa obra. Eu devo-lhe muito, não já como Obra de Carácter Social, mas sim, as lágrimas de resignação e consolo que me têm proporcionado, designadamente pela Leitura do vosso «GAIATO».

Ama pois a Deus, teu Pai Américo, colaboradores e a teu próximo e ora sempre ao Senhor que aumente a tua Fé.

**Abraço-te Amigo**

**N. B.**—Este tratamento por tu, só representa amisade.